



TRANSEXUALIDADE E DISCURSO EM MOVIMENTO:  
ANÁLISE DO PROTAGONISMO DA LAERTE COUTINHO  
NO DOCUMENTÁRIO LAERTE-SE

TRANSEXUALITY AND DISCOURSE IN ACTION:  
ANALYSIS OF THE PROTAGONISM OF LAERTE  
COUTINHO IN THE LAERTE-SE DOCUMENTARY FILM

Geovane Pereira da SILVA<sup>1</sup>

Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: [gpsgeovane@outlook.com](mailto:gpsgeovane@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (1998). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (disciplina: Mídia e Produção de Sentidos) na Universidade Federal do Piauí. E-mail: [flaerte@msn.com](mailto:flaerte@msn.com).





## RESUMO

Questões sobre transgênero e transexualidade estão fora do entendimento de muitas pessoas, seja pela falta de informação, seja pela ausência de convívio com pessoas trans ou simplesmente pela recusa. Destaca-se aqui, o documentário *Laerte-se* como um dispositivo importante que promove um debate e compreensão sobre o universo trans, a partir da experiência da Laerte Coutinho. Assim, julgou-se necessário realizar uma Análise de Discurso Crítica com o propósito de identificar como o discurso performa e materializa a identidade de gênero. Para tanto, dialoga-se com Foucault (1996, 1997, 2014), Butler (2018) e Bento (2006, 2008) que fundamentam esta pesquisa. Sob a perspectiva sociocognitiva de Dijk (2017), estrutura-se a metodologia. Aqui, observou-se que o diálogo aberto é um canal essencial nas relações e compreensões em torno da vivência da trans, sobretudo na esfera da família.

## PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso Crítico; transexualidade; documentário *Laerte-se*.

## ABSTRACT

Transgender and transsexuality issues stay apart of understanding of many people, either by the lack of information, the lack of interaction with trans people or just rejection of this group. This paper presents the importance of *Laerte-se* documentary film as an important device that makes a discussion and vision about the trans universe, from Laerte Coutinho experience. Thus, we understand as necessary to do a Critical Discourse





Analysis on direction to identify how the discourse performs and materializes gender identity. For this, we dialogue with Foucault (1996, 1997, 2014), Butler (2018) and Bento (2006, 2008) that support this research. By the sociocognitive discourse perspective of Dijk (2017) we constructed our methodology. It was observed that honest conversation is an essential way in the relationships and understandings on the experiences of transgender life, especially on relationship inside family.

## KEY-WORDS

CriticalDiscourseAnalysis;Transsexuality;Laerte-sedocumentaryfilm.

## 1. INTRODUÇÃO

A verdade e o desejo de verdade acompanham o discurso, a legitimidade do discurso é um lugar de saber e fazer, de posicionar e posicionar-se. O poder do discurso está na relação com o meio e com outro, o acontecimento (FOUCAULT, 1996).

Michael Foucault não chega a estruturar um procedimento metodológico de análise de discurso ou realizar análises de discursos, como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes, Teun A. van Dijk, Norman Fairclough entre outros estudiosos do campo da Análise de Discurso Crítico (ADC). Contudo, ele foi um dos primeiros teóricos a conceber o discurso como prática e fornecer aos estudiosos supracitados esse conceito de discurso: prática social (informação verbal)<sup>3</sup>. Segundo Foucault (1997, p. 11), nas práticas

---

<sup>3</sup> Fala do autor na reunião do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação da Universidade Federal do Piauí (NEPEC-UFPI), UFPI, em 4 de outubro de 2019.





discursivas estão inseridas estruturas sociais interpeladas por vontades, disputas e técnicas que possibilitam a estruturação de campos e propostas de comportamentos na busca “[...] pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas para elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas”.

Foucault (1997, 2014) investiga a história da sexualidade no ocidente, no século XIX, e a legitimação dos campos do saber: medicina, biologia, psiquiátrica como meios de institucionalização e controle sobre o corpo e o prazer, seus desdobramentos na vida social e subjetividades dos sujeitos. Com isso, aponta para sujeitos segregados, situados como “desviantes” do meio social por não seguirem modelos sociais regentes. Tenciona-se por meio da leitura de Foucault (1997, 2014), que o grupo social de pessoas trans<sup>4</sup> e suas variações situa-se nessa ideia de “desviante” da norma social, por se manifestarem contra primícias biológicas (físicas) e psicológicas que instruem supostamente o comportamento subjetivo e social do ser.

Tecido o discurso como prática social, toma-se direção aqui para as questões de gênero na vivência transexual. Neste ponto, destaca-se a proposta deste trabalho, que consiste em observar performances de identificação de gênero nas enunciações da protagonista do documentário *Laerte-se*. Sendo assim, serão realizadas reflexões a partir do campo dos estudos de gênero sobre uma perspectiva identitária. É necessário dizer que há várias maneiras de viver a transexualidade, logo existem diversas representações

---

<sup>4</sup> Transgênero, travestilidade, transexualidade, transgênero não-binário são representados no termo trans: entendido como um guarda-chuva que abraça todas as identificações de gênero não cisgênero (pessoas que nascem e se identificam com sua designação biológica: masculino ou feminino).





e processos de identificações sobre gênero, aqui a análise será feita a partir dos relatos da protagonista do filme, Laerte Coutinho<sup>5</sup>.

“Laerte-se é verbo. Ao mesmo tempo que impele ao movimento, como um imperativo de vida, se volta para si, numa interrogação persistente. Mas aquela que retorna não é o mesmo que foi. E isso a cada volta” (BRUM, 2019). Essa é a definição do documentário *Laerte-se*, por Eliane Brum, jornalista e diretora do filme, que ao lado de Lygia Barbosa da Silva e da Produtora Tru3Lab lançaram, em 2017, o produto final de 3 anos de gravação. O filme é o primeiro documentário brasileiro disponibilizado na plataforma de streaming Netflix para 190 países. A obra se desenvolve sobre a vida da Laerte Coutinho, não apenas sobre sua experiência profissional, mas também com o foco sobre o processo da protagonista se identificar e se posicionar como mulher, após viver quase 60 anos como homem. Coutinho, compartilha seu mundo novo, seus afetos, seus anseios, seus conflitos e desafios, além de pensamentos sobre ser e viver.

O documentário para Nichols (2005) é entendido como uma representação social e/ou satisfação do desejo, o estudioso aponta para o caráter antropológico, semiológico e cultural dentro do fazer e consumir documental: narrativa de imagens e áudios acompanhada de personagens, dados, conceitos, história que possibilite não só o olhar sobre o mundo, mas compreensão do mesmo, e assim produzir significações e interpretações, ou seja, efeitos sobre o mundo;

---

<sup>5</sup> Nascida na grande São Paulo no dia 10 de junho de 1951, Laerte Coutinho é uma das quadristas mais conhecidas do Brasil, considerada uma das artistas mais relevantes da área. Estudou Comunicações e Música na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, porém não chegou a concluir nenhum dos cursos. Coutinho trabalhou em diversos meios de comunicação principalmente com publicações no *Balão e O Pasquim*. Colaborou em revistas: *Veja* e *Istoé*, e nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Além dos meios impressos, Laerte trabalhou como roteirista na TV com textos humorísticos em diversos programas da Rede Globo.





sujeitos, grupos e instituições. “Os personagens, ou atores sociais, podem ir e vir proporcionando informação, dando testemunho, oferecendo provas. Lugares e coisas podem aparecer e desaparecer, conforme vão sendo exibidos para sustentar o ponto de vista ou a perspectiva do filme” (NICHOLS, 2005, p. 56-57). Nessa perspectiva, o autor defende o poder representacional do documentário como um aspecto político e democrático principalmente sobre representações de grupos minoritários.

Para tanto, realiza-se a análise pela estrutura metodológica da ADC, tendo como fonte a fala da Laerte. Aqui, opta-se por um como corpo de análise dos 30 primeiros minutos devido à densidade dos temas que atravessam a vivência da protagonista, pois em um único artigo não tem como abarcar todas as enunciações e questões sociais expressas na fala de Coutinho. Assim, o foco deste trabalho consiste em discursividades em torno da identificação trans da protagonista.

## **2. ESTUDOS DE GÊNERO: SITUANDO A TRANSEXUALIDADE**

Butler (2018) é uma das pensadoras a lançar luz sob o gênero como uma existência comportamental fora de um sistema biológico: binariedade (masculino e feminino). Com isso, questiona o olhar sobre o outro, objeto feminino como sujeito, e rompe com as barreiras da naturalização construída nas relações sociais que colocam os corpos e sujeitos “dentro de caixas”. A ideia de performatividade dos sujeitos é defendida por Butler (2018). Além disso, a autora entende a linguagem como meio de prática concreta, “pré-discursiva”, de natureza cultural: discurso de “um sexo natural” que influencia na produção e manutenção de identidades (sexo/gênero) normativas seja pelo uso individual ou coletivos.





Por sua vez, a historiadora Scott (1989), propôs categorias de gênero, em seu texto *Gender: a useful category of historical analysis*, publicado em 1989, em que revela elementos e relações sociais ligados a noção de sexo. Além de sinalizar disputas em instituições, entende que as representações e relações de poder estão conectadas a lógica de gênero. A teórica aponta para três fases da constituição dos estudos de gênero: a primeira situada pela busca por explicação do patriarcado pelas feministas; a segunda encontra-se na visão de classe marxista, com críticas feministas; já a última fase é embasada em estudos pós-estruturalistas e psicanalistas sobre a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito. De acordo com Scott (1989, p. 28), as percepções da categoria de gênero:

São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.

Nessa direção, compreende-se o gênero como uma estrutura que envolve não apenas as individualidades dos sujeitos, mas também relações, instituições (espaços em sociedade) e materializações (práticas, técnicas e objetos) sociais. Por esse caminho, tenciona-se a transexualidade não apenas como categoria de gênero, mas como modos de experimentar a vida, que em vias gerais são marginalizados pela sociedade, por não atenderem a “naturalização” do “correto”, do “comum”, do lugar “normal”.





Bento (2006, 2008) é pioneira em pesquisas no campo de estudos de gênero e transexualidades no Brasil. A estudiosa questiona a patologização transexual, defendendo essa experiência de gênero, como processo de subjetivação, em que os sujeitos se percebem e se autorrepresentam de maneira plural por meio de suas identificações. Sobre o aspecto de nomeação, a teórica reflete acerca do termo transexualidade como uma dimensão plural, que guarda múltiplas identificações, logo se faz necessário entendê-lo como transexualidades. Em suas pesquisas com pessoas trans, a socióloga reúne essas vozes e aponta reivindicações desses sujeitos. Uma das principais questões levantadas por este grupo, consiste na sociabilidade, ou seja, no modo de serem reconhecidos como sujeitos pertencentes ao gênero ao qual se identificam. Nesse trabalho, concorda-se com a definição defendida pela estudiosa, a compreensão em relação a ser trans como uma experiência identitária, situada no conflito com as normas de gênero regentes na sociedade.

Butler (2018) argumenta que a linguagem se constitui como um suporte de poder, que cria o “real socialmente”, é por meio das relações e da nomeação pelos falantes é que se regulamenta a dominação e a coerção, de modo que os corpos/sexos são performativos institucionalizados no controle de realidades sociais. Pode-se traduzir a defesa de Butler (2018), sobre identidade de gênero como uma maneira de produzir e reproduzir expressões de si para si, e de si para os outros (sociedade) como um desenvolvimento situado e (des)contínuo.

### **3. METODOLOGIA DE ADC: PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA**

A questão de gênero/transexualidades é uma realidade complexa, que situa sujeitos em posições na sociedade. Assim, a fala da protagonista do documentário *Laerte-se*, pode ser entendida como um meio de representação





social sobre este modo de vida, o qual tem como referência a vivência de uma pessoa trans: evidencia-se, que a protagonista torna pública suas experiências, pensamentos e sentimentos, tal ação pode ser tomada como um discurso emancipatório, uma vez que Laerte é uma personalidade pública que enuncia sua transexualidade. Essa ação, configura-se como uma das bases da ADC: o valor de emancipação e intervenção política e social.

A cognição social pode ser refletida como composição das enunciações (alvo do discurso) e discursividades presentes no discurso inseridos em contextos específicos (situationalidades), afirma Dijk (2017). Segundo o teórico nesses meios ocorrem relações com modelos mentais (crenças, conhecimentos, opiniões, ideologias, entre outros) que formam, controlam e/ou influenciam as pessoas na maneira que recebem determinada mensagem. Os sujeitos produtores/dominantes de discursos impactam nos processos sociocognitivos e moldam também as relações sociais e suas legitimidades e ilegitimidades, finaliza Dijk (2017).

Elegeu-se a ADC como metodologia, direcionada por uma abordagem de investigação sociocognição: pautada na dimensão discursiva da interação. Por essa perspectiva, toma-se as enunciações da Laerte, no documentário como objeto de análise. O discurso pode ser entendido como um evento comunicacional específico, Dijk (2017) pontua que suas faces possuem múltiplas maneiras de se organizarem, da mesma forma podem ser analisadas de maneiras diferentes. Para tanto, é necessário adotar as noções básicas de análise, como linguística, pragmática, semiótica, retórica, interacional, entre outras.

O caráter situacional, e os sujeitos e grupos participantes do discurso devem ser expressos para constituição da análise (DIJK, 2017). Embora que o autor reconheça expressões não verbais, como desenhos, imagens,





gestos, expressões faciais como constituintes de análise discursiva, ver na fala e na escrita campos fortes de materialização de práticas sociais. Neste trabalho, salienta-se que a o foco da análise está na *fala* da protagonista e não na materialização do documentário e sua complexidade.

#### **4. LAERTE-SE MOVIMENTAÇÃO PÚBLICA**

Os primeiros 10 minutos do documentário giram em torno das relações e papéis (organização) no seio da família mediante a nova identidade assumida por Laerte. Nessas instâncias, são enunciadas pela quadrinista circunstâncias específicas sobre sua conexão familiar; ligação com seu filho Rafael, na qual foi estabelecido um acordo, em que o papel desempenhado por Laerte para com seu neto Valente seria de vovô.

No decorrer do filme, cenas do cotidiano da protagonista são apresentadas com seu neto (estipulamos que no período das gravações Valente teria aproximadamente de 3 a 5 anos), ela tocando a trilha do *Batman* no piano para o menino, porque não sabe tocar a música do Homem-Aranha que seu neto pediu, ela brinca com ele, corta frutas, ações comuns de qualquer avó/avô (eventos interacionais). O que chama atenção em todos esses momentos, é o fato de Valente enunciar Laerte por vovô, e a tratar nominalmente no masculino, mesmo que Coutinho transvestisse (cabelos longos, unhas pintadas, roupas femininas, brincos e colares) de maneira feminina (modelo mental – imaginário de uma mulher) e se autonegar no feminino em conversas com seu neto, sugere processos de cognição social, as identidades de gênero transitam não apenas sobre o sujeito, mas nas relações e atividades feitas entre estes.

Pela locução da Laerte sobre sua família, observa-se que a hierarquia familiar não impõe a maneira de como um membro da família deva se



identificar em seu gênero, bem como em suas funções. Percebe-se na fala e na interação familiar um acordo estabelecido para convivência e afetividade, como esses vínculos movimentam processos cognitivos entre a maneira de perceber, nomear e reconhecer o indivíduo com determinada significação na participação familiar; no caso da protagonista, uma mulher trans que performa sua identidade feminina, mas ao mesmo tempo exerce a função de avô para com seu neto.

Imagem 1 – Valente e Laerte em momento descontraído  
(Documentário *Laerte-se*)



Fonte: Netflix. Reprodução da internet.

Textos e narrativas possuem dinâmicas de trocas e desnivelamentos, para além do dito, os discursos são elaborados e exercitados dentro de um sistema de cultura, em que a busca do novo não está no que foi dito, mas em seu acontecimento. A carga da repetição e compreensão do que é materializado, está no jogo de conexões e ordenações do que foi transferido de saber (FOUCAULT, 1996). Entender o discurso como original, não consiste em uma autoria única, ou entendimento que o mesmo é uma fonte



e/ou único, mas sim na organização de sua composição - amarrações de coerência na inserção do real.

Sobre a discursividade da narrativa, evidencia-se o caráter de polifonia em todas as enunciações da protagonista do filme, em que vozes (amarrações) constroem realidades sobre a mesma questão. Esse aspecto, pode ser observado na forma que Laerte narra a sua memória de como seus pais receberam dela a notícia de sua identidade feminina. “As primeiras reações foram muito bem-humoradas... e favoráveis. Ela falou assim: Ah, então... Eu tenho aqui umas saias e vestidos para você que eu não uso mais” [risos] (LAERTE-SE, 2017, 07’28).

Pode-se identificar a performance do que é feminilidade, do ser feminino no discurso da mãe da Laerte desenhado no vestir-se e, de certa maneira, a aceitação ao propor passar suas roupas para sua herdeira usar. Isto é, o que ela tem de feminino a oferecer para identificação de gênero da filha. Sobre seu pai, Coutinho comenta que foi mais fácil de notificar sobre sua identidade de gênero do que para sua mãe, mesmo ele tendo uma personalidade mais dura. Ela se recorda (processo cognitivo), que em sua época de universitária, seu pai ao deixá-la na universidade, comentava “olha aqueles invertidos” se referindo a lésbicas, gays e travestis. Por esse relato, e pensando com Dijk (2017) as estratégias discursivas de *Nós* (endogrupo) e *Eles* (exogrupo), como uma forma de estabelecer lugares no meio social, ver-se no enunciado citado acima posições sobre o mundo, percebendo Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero e *Queer* + (LGBTQ+) com o olhar sobre o outro (*Eles*), o espaço de fora do que não é aceito/normal: “olha aqueles invertidos”.





Ainda sobre seu pai, a documentada compartilha essa memória em um tom entre o cômico e o reflexivo, pois nesse período estas pessoas (LGBTQ+) eram suas amigas (e hoje ela faz parte desse universo). Porém, Laerte chama atenção para a idade avançada de seus pais. Nesse ponto, aponta-se que para cada situação existe um quadro sócio-histórico e cultural, sendo assim entende-se que as falas do pai da protagonista situam-se em outro momento. A cartunista ainda coloca, que mesmo com a aceitação “houve e há objeções”, seus pais a chamam pelo masculino. Coutinho segue sua fala e expressa compreendê-los por serem idosos. Com esse enunciado, é possível sugerir que as relações construídas a longo tempo, bem como os sujeitos inseridos em um conjunto cultural distinto, condicionam leituras e visões de mundos diferentes (assimétricas). No caso dos pais da protagonista, sobre a transexualidade da filha, situa-se que eles estavam inseridos em um contexto que a percepção sobre gênero estava ligada ao aspecto biológico, logo pode existir resistências na absorção do discurso de identidade e diversidade de gênero orientado pela identificação (subjetividade).

Essa análise ocorre sobre o contexto familiar da quadrinista, porém o aspecto do poder discursivo (regulamentar) é um elemento a ser entendida na voz da mãe da personagem do filme, através do discurso biológico como verdade sobre os corpos e comportamentos de gênero.

Depois, ela [mãe de Laerte] também é preocupada com a questão teórica. Porque ela é uma bióloga. A concepção de vida que ela tem é... é biologia ditando a lógica [riso contido]. Então... ela, acho que não entendeu muito o modo como eu vejo ou como a questão de gênero é vista hoje. “Ela entende assim, tá, ok, a pessoa se sente isso mas não é verdade.” [risos] O que é ser mulher? Minha mãe, por exemplo, diz que é parir. E eu perguntei porquê, e ela disse que foi onde ela





se sentiu próxima de uma ideia de ser mulher assim. Foi a grande realização dela. Existencial, assim. (LAERTE-SE, 2017, 08'50)

Os enunciados apresentados dão a ideia de uma dualidade, uma disputa pelo objeto da verdade, polarização ideológica entre a biologia e o processo subjetivo de se entender no mundo (identidade de gênero). A mãe da protagonista emite uma discursividade do saber biológico: processos e estruturas físicas como, por exemplo, o ato de gerar e dar à luz a uma criança como um fator de verdade que legitima o ser feminino. Porém, ao mesmo tempo entra na ordem do discurso o “sentir-se” mulher (a busca, a construção em torno do ser, a incompletude), é nesse lugar, que ocorre uma intersecção nos enunciados da Laerte e da sua mãe. Esse “sentir-se” (subjetividade) coloca em movimento a identificação de Coutinho como mulher: seu entendimento de si sobre o mundo e a maneira de como ela se relaciona com seu corpo, afetos, gestos e expressões em suas relações com o exterior e interior, ou seja os enunciados apresentam uma discursividade do gênero enquanto identidade.

[Eliane] Mas isso te deixaria de fora. [Laerte] Sim, me deixa de fora. Quanto a isso eu não tenho ilusões, não. Ela não acha que eu sou mulher [risos]. [Eliane] Mas como é que tu acha que ela te vê? Não é de verdade, não é... [Laerte inspira] Não sei direito, acho que ela me vê em primeiro lugar como um filho que ela teve [riso]. Durante 60 anos foi um filho. Acho que ela fica inquieta com.... ideias que podem ser perturbadoras para ela. Ela entende que é um modo normal e natural que ela não usa aspas, onde ela não põe aspas. Entendeu? (LAERTE-SE, 2017, 08'50)

Reflexões sobre a disputa de gênero entre os sujeitos e a verdade podem ser verificadas nos ditos da Laerte, identifica-se o peso da discursividade exercida pela mãe da protagonista sobre ela como um conflito, em que é





colocado a própria existencialidade de Coutinho. Os discursos cruzam a relação de ambas no que toca suas visões sobre a identidade de gênero, porém devido a afetividade na relação (processo sociocognitivo) entre mãe e filha existe um contrato que põe uma “trégua” nessas divergências discursivas. A protagonista ainda aborda o fato dela ser o filho da sua mãe, durante 60 anos, torna compreensível que ela a chame por filho e lhe trate no masculino. A partir desse relato, pode-se inferir que as funções estabelecidas no seio familiar, e seus reconhecimentos estão para além de enquadramentos das expressividades de identidade de gênero, como no caso acima, a concretizações das relações e papéis sociais desempenhados como “filho” se manterão, mesmo diante da performatividade de gênero da Laerte, ou seja, não houve a quebra do vínculo familiar, o que aconteceu foi a busca por parte da mãe de Coutinho para compreender a maneira do seu “filho” se comportar.

Os próximos 10 minutos do documentário ainda possuem ligações com relações familiares, porém a discussão central está no tornar público da Laerte sobre sua identidade feminina. É válido pontuar que nesse momento o recurso de tirinhas se faz mais presente sobre o tema discutido, os discursos também atuam imgeticamente por tirinhas e ensaios fotográficos da personagem do documentário.

[Eliane] Tu falou que tem medo de expor, de se expor... [Laerte] Não sei. Uma vez eu falei que é porque eu tenho medo que percebam que eu sou uma fraude [risos]. Eu tenho medo que percebam isso. Eu tenho medo que entrem na minha casa porque vão perceber que é uma zona isso aqui, que não é uma casa regular [riso contido]. [Intercalação entre o vídeo da entrevista (Laerte e Eliane na sala da protagonista) com imagens de Laerte pondo livros em caixas (bagunça) ] [Laerte] Moro aqui há 12 anos. Não resolvi a coisa do que eu quero ali. Tá tudo... tudo assim... Provisório. É um provisório eterno. Meio exposto. Uns fios expostos, o rodapé... [Sobreposição da entrevista por as mãos de Laerte





desenhando uma ilustração (uma figura humana sentada de costas com uma aparência vaga) o rodapé meio apodrecido e eu até hoje não resolvi. Uma hora eu vou acabar resolvendo (LAERTE-SE, 2017, 13'55).

“Não sei” sobre o “expor”. O ato de expor ao público é uma ritualização de poder, porém ao mesmo tempo é uma tribuna em que o que é dito pode ser cobrado da mesma forma do não dito. Dijk (2017) discorre que a negação é um ato consciente que pode ser interpretado como norma social para tolerância e aceitação na relação individual e/ou social. Sendo assim, o “Não sei” da Laerte pode estar se referindo a convenção social em relacionar e posicionar uma mulher ou homem através dos corpos-sexuados: sistema binário.

Deduz-se que o medo exposto por Coutinho não literal, mas sim o medo do seu próprio “eu” ser colocado à prova: “eu sou uma fraude”. O medo da sua identificação de gênero ser posta à prova, em meio ao tornar público. Pois o lugar de ser/estar em sociedade consiste na dependência e/ou aceitação/reconhecimento pelo “outro”: “perceba”. Em outras palavras, a forma que os outros lhe ler e falam sobre o sujeito é uma materialização do real. Sobre os enunciados da Laerte, arrisca-se dizer que a identificação de gênero na experiência trans caminha junto nos ditos e nos não ditos do discurso do olhar público, e que o negar pode ser a busca pela aceitação, ou até mesmo uma maneira de proteção para sua identificação de gênero está resguardada para si, e não ser colocada em “tribuna”: o outro.

Observa-se ainda na fala da protagonista, o uso dos termos “zona” e “casa irregular”, tais enunciados podem estar remetendo a uma analogia/metáfora, que relaciona a reforma da sua residência com a sua construção feminina: o conflito do mostra-se como mulher e ter o retorno desta posição. A “zona” pode ser lida como a fragmentação de si na busca de organizar-







se como sujeito, ou seja, um processo de autocompreensão. Já no que diz respeito a “casa irregular”, seria o conflito do seu corpo e os desdobramentos da feminilidade: esse espaço entre o sentir-se e a materialidade corporal. A percepção dessa análise, consiste no fato que ao longo do documentário a casa da Laerte estava em reforma, e isso é algo retomando em muitas cenas (uso imagético com ênfase) da narrativa do filme, e que no trecho aqui citado acima é verbalizado pela protagonista. Ainda é válido pensar que tal metáfora pode ter sido feita pelas diretoras do documentário, e/ou uma discursividade polifônica entre os enunciados da documentada e o recorte das diretoras. Sobre a reforma da casa, Coutinho ainda comenta “Tá tudo... tudo assim... Provisório. É um provisório eterno”. A percepção que os enunciados podem conotar uma analogia, uma reflexão da casa enquanto uma identidade em (des) continuidade: uma movimentação em busca de construção (instabilidade) em torno de estar no mundo e está com os outros.

Das enunciações da quadrinista no trecho sobre a casa passa para uma cena em que a protagonista fala sobre o processo de permitir o Laerte e viver como a Laerte. Nesse momento, Coutinho externa que a morte do seu filho (Diogo) lhe impulsionou a repensar sobre a vida e seus sentidos. E, nesse processo de reflexão do modo como se viver, a documentada experimentou sua identidade feminina de maneira “pública”, através do seu trabalho com o uso das tirinhas de Hugo e Muriel (personagens da quadrinista – confira a Figura 2). A protagonista deixa claro que ela travestia, maquiava e deixava o Hugo no discurso cômico e isso o ridicularizava. Uma personagem curiosa da quadrinista que vale a pena apresentar, é a Lola, um passarinho azul que vive a voar... Filosoficamente, a autora da personagem compartilha que



a essência e razão da existência da Lola é voar, e durante seu voo tudo é possível, e voar é todo o universo para ela.

O Hugo agora é Muriel [riso contido]. Em homenagem ao fato desse personagem ter sido o meu bateror. Porque ele apareceu travestida de Muriel. Não era nem Muriel ainda [sequência de quadrinhos de Hugo – Figura 3]. E provocou um e-mail de uma... que é hoje amiga minha, falando: “Escuta, isso tá evidente demais. [riso contido] A sua anágua tá aparecendo. O seu desejo tá aparecendo.” [Laerte] Ele praticamente não aparece mais de Hugo. [Eliane] Mas foi junto com a tua... [Laerte] Foi comigo, junto com a minha... Quando eu também virei a Laerte, ele também virou a Muriel (LAERTE-SE, 2017, 18’05).

Imagem 2 – Tirinha de Hugo travestindo-se de Muriel



Autoria: Laerte – Reprodução da internet.

“No sentido “semiótico” mais amplo, os discursos podem também apresentar expressões não verbais, tais como desenhos, imagens, gestos, expressões faciais e assim por diante” (DIJK, 2017, p. 136). A partir das interlocuções dos discursos imagéticos e verbais, pode-se perceber como a identidade gênero fluía sobre a Laerte, e por meio de suas personagens se expressava, fazendo uso da transição de Hugo para Muriel: como um espaço discursivo e identitário que precedeu a materialização da sua identidade feminina.



Conforme Benetti (2007), referenciada por Carvalho e “Autor” (2017), a ironia é construída mediante a tensão de dois extremos: o sentido “literal” e o sentido metafórico. Porém, faz-se necessário mencionar que a percepção de literalidade nos conceitos da Análise de Discurso não existe sentido literal. O sentido não reside “na palavra, (...) é construído na ação dos sujeitos que participam da práxis discursiva. A formação dos sentidos depende, portanto, do que constitui esses sujeitos em termos de imaginário, ideologia, posicionamento e inscrição histórica, cultural e social” (BENETTI, 2007, p. 40 apud CARVALHO; “AUTOR”, 2017, p. 110).

Identifica-se o uso desta figura de linguagem no trecho citado anteriormente, cujo o enunciado diz “Escuta, isso tá evidente demais. [riso contido]” (interação Laerte e uma amiga) fazendo alusão ao transgênero da Laerte. A discursividade do cômico expressa o desejo e sua identificação feminina, antes mesmo do seu posicionamento no mundo como mulher vir a público, ou seja, o discurso como um movimento que precede e inscreve a construção do real.

As próximas análises ocorrem em torno dos últimos 20 minutos (do recorte da pesquisa), questões sobre vestir-se e despir-se e corporeidade são os discursos apresentados pela quadrista.

A primeira roupa que eu usei foi uma roupa que eu tirei, na verdade. Foi o fato de ter tirado os meus pelos. O primeiro impacto dessa mudança. Uh... Mais do que ter botado uma calcinha, e olhado no espelho: “ah, eu de calcinha”, porque eu isso eu fiz, assim mas... Quando eu estava ainda ali na maca [clínica de estética], e ela tirando [os pelos], eu via as partes de mim aparecendo assim. “Nossa, minha perna” Sabe? Isso já era o prelúdio [risos]. [Eliane] O que tu viu nesse espelho? [Laerte] É uma outra pessoa. E eu queria me ver inteira. Aí eu me vi e não acreditava. [...] Passou a ser um meio de expressão mesmo. Eu não estou mais me vestindo só para não está pelada. Esse modo





masculino entre aspas de se apresentar é falsamente despretensioso. Ele tem uma pretensão. Claro que tem, né? Todos esses modos têm. Mas é inconsciente, talvez seja típico de uma categoria humana que se julga no poder sempre, né? Os homens (LAERTE-SE, 2017, 20'16).

Nos primeiros enunciados da Laerte é posto uma descrição sobre o vestir-se ao despir-se fazendo menção a retirada de seus pelos como um processo de realização, uma parte de sua identidade feminina. O uso da figura de ironia é percebido na fala de Coutinho “Uh... Mais do que ter botado uma calcinha, e olhado no espelho: ‘ah, eu de calcinha’”. A partir desse trecho, pode-se pensar uma crítica sobre o que é feminino, para quem os adornos (roupas e acessórios) servem: para trazer a verdade do universo da mulher (delimitar/enquadrar os gêneros). Para tanto, o sentido crítico empregado pela protagonista pode estar referenciando ao uso da calcinha no contexto do início do seu processo de identificação com o gênero feminino, quando visualmente performava uma aparência masculina, mas em seu “eu” (subjetividade) já tinha o sentimento de ser o gênero oposto ao que aparentava (biologicamente e esteticamente).

Ainda na mesma cena a protagonista realiza uma abordagem sobre o aspecto de transição e autoanálise da divisão dos universos femininos e masculinos, e como as formas de produzir sentido sobre os espaços, além da maneira que o corpo e o vestir possuem e movimentam discursos distintos. Marcada por uma autocompreensão, Coutinho posiciona-se como “invasão do mundo feminino que eu venho fazendo”, ou seja, um distanciamento do ser masculino e ingresso e movimento em direção ao ser feminino.

Na sequência e exposição de seus enunciados, ver-se a questão da assimetria nas relações de gênero: relações de poder e hierarquia, os sentidos





de ser homem e mulher são diferentes, a protagonista entende o vestir-se masculino com um ato mais racional de cobrir-se mediante as necessidades. Já para as mulheres, são entendidas na lógica oposta, o vestir-se é cobrir, é proteger-se, é expressasse sobre o mundo masculino. A produção dessa discursividade analítica do “vestir-se de gêneros” pode ser inscrita no fato da Laerte ter movimentando-se de uma identificação de gênero para outra.

O ato de nomear possui uma função importante na forma das pessoas demarcarem, ordenar e entender tudo o que está a sua volta, ou de forma ampla pensar maneiras de descrições. Conforme Dijk (2005, p. 173 *apud* CARVALHO; “AUTOR”, 2017, p. 143) “[...], o nível de descrição e o grau de especificidade de um discurso ou do fragmento de um discurso pode exercer importantes funções ideológicas. Podem-se mencionar pormenores irrelevantes funções ideológicas, tendo a transmitir estereótipos ou preconceitos como doutrinas ideológicas”.

Em momento bem descontraído, em que Laerte está fazendo suas unhas com a profissional Paulinha, a qual descreve a protagonista como “meu amigão”, “o Laércio”, “meu camarada”. Pelo contexto da cena, percebe-se uma proximidade entre as duas, pelo repertório e modo de falar de Paulinha, fica nítido que ela não possua uma formação a nível superior, assim também é possível analisar a nomeação que ela utiliza para referenciar Coutinho não está ligada a um ato discriminatório ou preconceituoso (o ideológico do nomear flexiona em meio as relações e os sujeitos participantes do contexto), pois a protagonista a todo tempo rir. Nesse mesmo trecho, a quadrinista compartilha que “Então, eu comecei a pensar: “Eu quero pra valer mesmo mudar o meu nome?” E eu cheguei a conclusão que não. Eu gosto muito do meu nome, Laerte. Daí eu descobrir que tem a dona Laerte Soares, que foi a primeira-dama de São Bernardo também. Isso pra mim foi decisivo”





(LAERTE-SE, 2017, 24'40). O nome e o ato de nomear, é colocado como um ponto crucial na forma de se representar sobre o mundo, essa ação é evidenciada na enunciação da protagonista como uma ferramenta de se fazer visível. Para invocar sua afirmação identitária como mulher, ela reporta a existência de outra mulher, uma figura pública com o mesmo nome que o dela, ver-se nesse encadeamento enunciativo um sentimento de legitimidade/pertença a sua identificação feminina.

Quando eu comecei a fazer essa passagem, eu sabia que eu não ia virar mulher, no sentido de mudar minha genitália e nascer de novo, né? Essa ideia de nascer de novo não me passou pela cabeça nunca. Então o que me passou é uma alegria muito grande por poder exercer essa liberdade, poder trazer para mim uma possibilidade de fazer essa viagem e ampliar minha fronteira a tal ponto em que eu não precisar mais, eu não preciso mais estar no país dos outros, não no meu país [risos] (LAERTE-SE, 2017, 27'50).

Um dos momentos mais tenso e importante de pessoas transexuais é a passagem. “A transexualidade e outras experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas” (BENTO, 2008, p. 38). A estudiosa ainda coloca que as noções de corpóreas, sexo e desejo se fazem constituinte nas relações socioculturais e que através dos discursos se legitima o que é masculino ou feminino.

Dessa maneira, enxerga-se nos enunciados da Laerte a certeza de não ser uma mulher, enquanto corporeidade biológica, e que a dimensão do biológico é um fator real, mas não o único verdadeiro no testamento do ser mulher (vagina, mamas, ovários, útero), exemplifiquemos: como ficariam às mulheres que nascem e se sentem mulheres se não quisessem ou não pudesse ter filhos, elas não seriam mulheres por conta desse “impedimento





biológico”? Ou mulheres que tiveram que retirar suas mamas por conta de câncer, pela “ausência de seios” não seriam mulheres? E dentro dessa ideia de sentir-se mulher (identifica-se e posicionar-se mulher), arrisca-se dizer que Coutinho emprega em sua fala o uso e sentido de “viagem”: como um modo que vai além do seu corpo, a possibilidade e do exercício de movimentar-se, assim, poder ser e estar sobre mundo libertando-se de estigmas sociais.

Por volta dos 28 minutos do filme, localiza-se uma das mais possíveis ideias da materialização da *performatividade* de gênero. Um discurso imagético, um ato simples, uma prática cotidiana: tomar banho. Inicia-se cenas da Laerte se depilando enquanto toma banho, para muitos pode ser um impacto como espetacularização, porque pelas normas sociais alguns espaços estão selecionados/silenciados para não exposição (o privado) como o corpo e ou banheiro. Nessa prática social, transmitida pela protagonista, a nudez choca, mas ao mesmo tempo o fato de estar despido transmite muito, emite discursos metafóricos sobre lugar do íntimo, onde um corpo que está sendo lavado pode carregar um contexto de um universo social. Palavras não poderiam descrever o que seria a intimidade do “eu” sendo despido em público: esse é o caso da discursividade desse trecho do filme, a noção de humanização do corpo; o corpo enquanto texto, o corpo como expressividade particular, o corpo como o lugar de significações e performances que não estão apenas no estado singular, mas também que também movimenta a esfera do público, do social e do cultural.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, faz-se necessário enfatizar que em um único artigo não é capaz de comportar todos os relatos/discursos das experiências compartilhadas por Laerte Coutinho entorno de gênero/transsexualidade/identidade, no






documentário *Laerte-se*. Assim, questões como a sexualidade e o desejo como um aspecto que parte do singular de cada sujeito, o movimento político de pessoas transgênero e suas pluralidades entre outros debates, são situações necessárias a serem pautadas e analisadas em outras pesquisas. Mas nesse espaço de análise, pôde-se observar que a identidade de gênero quer seja sobre a transexualidade, ou em outras manifestações trans, são para além de uma expressividade singular: condicionamento do subjetivo da singularidade do sujeito e meio a suas coletividades (família, trabalho, relações amorosas entre outras esferas da vida social) que moldam e movimentam o sentimento, pertença e representação da identidade de gênero em sociedade.

A partir dos enunciados da Laerte sobre os membros da sua família, constatou-se processos sociocognitivos: afetividades, respeito, memória, valores como instrumentos que constroem as pontes de relacionamentos e funções de cada um dentro do meio social familiar. Ainda é possível apontar para a importância da família no processo de identificação de Coutinho como mulher. Pela discursividade da protagonista em torno da interação e experiência com sua família, percebeu-se que o diálogo (elaboração e estabelecimentos de contratos) aberto entre os membros da família, serviu de dispositivo comunicativo para reflexão: a disposição em ouvir e poder falar sem uma “verdade absoluta”. Sendo assim, arrisca-se dizer que o caminho para compreensão e relações com a diversidade de gênero marcadas e efetivadas no núcleo familiar de maneira positiva, pode ser uma canal facilitador de inserção social para pessoas transexuais, de modo que disposição da família em buscar entender e aceitar a identificação de gênero do ente querido auxilie no processo de se posicionar sobre o mundo de forma saudável (moralmente, psicologicamente e socialmente).







Consta-se pela análise que a identificação e/ou performatividade *trans* em nada interfere nas relações e funções familiares estabelecidas entre seus membros. Ao longo do documentário, pôde-se observar como o(s) discurso(s) tem um papel essencial nos processos da visão e da identificação, e como o(s) mesmo(s) está(ão) antes, durante e depois das performances da identidade gênero. Percebeu-se também que há uma dualidade sobre processo de nomear, ao mesmo tempo que o ato de nomear delimita espaços e sentidos para o posicionamento de um sujeito através da língua (aparelho social), essa mesma ação pode ser chave/aplicação para transformações na vida de sujeitos em suas relações e práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRUM, E. **Laerte-se**. Eliane Brum:desacontecimentos,[S. l.], 2019. Disponível em:<http://elianebrum.com/documentarios/laerte-se/> Acesso em: 7 nov. 2019.

CARVALHO, M. S.; MAGALHÃES, F. L. J. Discursos e representações sobre o acordo ortográfico na mídia brasileira e portuguesa. In: MAGALHÃES, F. L. J. (Org). **Análise de Discurso Crítica e Comunicação**: percursos teórico e pragmático de discurso, mídia e política. Teresina: EDUFPI, 2017, p. 95-190.



DIJK, T. A. V. **Discurso e poder**. In: HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1979 – 1982)**. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **1926 – 1984 Ditos e Escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chequieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LAERTE-SE. Direção de Eliane Brum e Lygia Barbosa da Silva. Produtora Tru3Lab. São Paulo: Netflix, 2017. 1 Documentário (1h40min), português.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York: Columbia University Press, 1989.

